

SÍLVIO ROMERO, FELTE BEZERRA E O DEBATE SOBRE A MISCIGENAÇÃO NO CONTEXTO DA RECEPÇÃO DA SOCIOLOGIA NO BRASIL

Fábio Silva Souza¹

Ivan Fontes Barbosa²

Resumo

A silhueta dos trabalhos desenvolvidos em torno do pensamento social brasileiro na transição dos séculos XIX/XX ficou marcada pela percepção de que a miscigenação era um dado empírico relevante para o entendimento desta sociedade. Apesar de comumente falarmos de uma Sociologia pré-científica até os idos de 1930, momento em que se dá a criação das primeiras instituições de ensino voltadas para a transmissão desta ciência, acreditamos que a preocupação de intelectuais autodidatas advindos do campo jurídico, literário e médicos/sanitaristas configurou o universo da recepção da sociologia de matriz colonial, com vistas ao entendimento e legitimação da situação do Brasil no contexto da expansão do mundo ocidental. Embora existisse, nestes primeiros olhares, um ambíguo espectro que orbitava entre aspectos negativos e/ou positivos da miscigenação promovidos pela adesão ao debate e teorias raciais evolucionistas, esse viés gerou uma tendência que prevaleceu no pensamento social brasileiro. A origem desse direcionamento, que relacionava raça e nação, foi dada por Sílvio Romero, através de seus estudos sobre literatura e cultura popular. A sugestão defendida, aqui, postula que ele inaugurou uma abordagem sociológica no Brasil responsável por influenciar uma série de pesquisas sobre a natureza interétnica da experiência social brasileira. A importância dessa variável utilizada pelo pensamento social brasileiro é claramente perceptível nas pesquisas desenvolvidas por Gilberto Freyre e Felte Bezerra. As constatações deste trabalho apontam para o fato de que estes autores trilharam o caminho percorrido por Sílvio Romero para pensar a sociedade brasileira, uma senda que parece ter estabilizado a ideia de um sutil preconceito racial existente no Brasil.

Palavras-chave: miscigenação; Sílvio Romero; Felte Bezerra; Sociologia brasileira.

¹ Fábio Silva Souza é bacharel e licenciado em Ciências Sociais, mestre em Geografia e doutor em Sociologia (2022), todos essas formações obtidas na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Atualmente encontra-se em pesquisa de pós-doutorado (FAPITEC-SE/PPGS/UFS). Está vinculado temporariamente com a Fundação Estadual de Saúde (FUNESA)/Escola Técnica de Saúde do SUS em Sergipe (ETSUS/SE). <https://orcid.org/0000-0003-3529-5374>

² Ivan Fontes Barbosa é bacharel e licenciado em Ciências Sociais (UFS), mestre (PPGS/UFS) e doutor (PPGS/UFPE) em Sociologia. Atualmente é professor Associado do Departamento de Ciências Sociais (DCS) e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). <https://orcid.org/0000-0002-1961-0605>

Sílvio Romero, Felte Bezerra and the debate on miscegenation in the context of the reception of Sociology in Brazil

Abstract

The agenda of Brazilian sociology in the transition of the 19th/20th centuries was marked by the perception that miscegenation was a relevant empirical data for understanding this society. Although there was an ambiguous spectrum that orbited around negative and/or positive aspects, promoted by the debate's adherence to evolutionary and racial theories, a certain tendency in Brazilian social thought continued to explore the effects of this phenomenon to understand such a society. The first effort to place this issue on this agenda was made by Sílvio Romero. In his studies of literature and popular culture, he began a lineage that perceived this issue as fundamental to understanding the country. The importance of this variable used by Brazilian sociology is very clearly recognized in the research carried out by Felte Bezerra. In his studies on Sergipe's ethnicities, and their interrelations, he develops the same interpretation structure as Sílvio Romero, but based on a culturalist reading based on the idea of miscegenation and its effects on Brazilian social formation. The importance of this tradition of interpretation is ambiguous in the context of Brazilian thought and societies. She ended up supporting assumptions that endorsed the suggestion that miscegenation had weakened racial prejudice in Brazil.

Keywords: Miscegenation; Sílvio Romero; Felte Bezerra; Braziliansociology

Sílvio Romero, Felte Bezerra y el debate sobre el mestizaje nel contexto de la recepción de la Sociología en Brasil

Resumen

La agenda de la sociología brasileña en la transición de los siglos XIX/XX estuvo marcada por la percepción de que el mestizaje era un dato empírico relevante para la comprensión de esta sociedad. Si bien existía un espectro ambiguo que orbitaba en torno a

SÍLVIO ROMERO, FELTE BEZERRA E O DEBATE SOBRE A MISCIGENAÇÃO NO CONTEXTO DA RECEPÇÃO DA SOCIOLOGIA NO BRASIL

aspectos negativos y/o positivos, promovido por la adhesión del debate a teorías evolucionistas y raciales, cierta tendencia en el pensamiento social brasileño continuó explorando los efectos de ese fenómeno para comprender tal sociedad. El primer intento de colocar este tema en esta agenda lo hizo Sílvio Romero. En sus estudios de literatura y cultura popular inició un linaje que percibía este tema como fundamental para comprender el país. La importancia de esta variable utilizada por la sociología brasileña es reconocida muy claramente en la investigación realizada por Felte Bezerra. En sus estudios sobre las etnias de Sergipe, y sus interrelaciones, desarrolla la misma estructura interpretativa que Silvio Romero, pero a partir de una lectura culturalista basada en la idea del mestizaje y sus efectos en la formación social brasileña. La importancia de esta tradición de interpretación es ambigua en el contexto del pensamiento y las sociedades brasileñas. Terminó apoyando suposiciones que respaldaban la sugerencia de que el mestizaje había debilitado los prejuicios raciales en Brasil.

Palabras clave: Mestizaje; Silvio Romero; Felte Bezerra; Sociología brasileña.

A miscigenação na história do pensamento social brasileiro

No universo da recepção do pensamento sociológico brasileiro, conforme Octavio Ianni (2000), é possível falar da existência de tendências predominantes, em certos momentos, na interpretação do Brasil. Acreditamos que o debate teórico e sistemático em torno da miscigenação, e a sua importância para as relações interétnicas como elemento construtivo de uma cultura brasileira, seja uma dessas tendências predominantes na História do Brasil (Ianni, 2000). Originalmente capitaneada por Sílvio Romero, a referida tendência se consagra neste campo ao reconhecer a importância e o papel do negro no processo de formação da sociedade brasileira, assim como se valer do folclore como mecanismo de coleta e catalogação de elementos culturais formativos do povo brasileiro.

SÍLVIO ROMERO, FELTE BEZERRA E O DEBATE SOBRE A MISCIGENAÇÃO NO CONTEXTO DA RECEPÇÃO DA SOCIOLOGIA NO BRASIL

Em seus estudos sobre a literatura e a cultura popular, operados no último quartel do século XIX, Sílvio Romero inicia o olhar em que percebia a miscigenação como fundamental para a compreensão do país. A importância desta variável utilizada pela Sociologia brasileira é evidentemente recepcionada nas pesquisas desenvolvidas por Felte Bezerra. Em seus estudos sobre as etnias sergipanas e seus processos de constituição e miscigenação, desenvolve a mesma estrutura de interpretação de Sílvio Romero, só que a partir de uma leitura culturalista, assentada na ideia da miscigenação e seus efeitos positivos na formação social brasileira.

A importância desta tendência de interpretação no campo da Sociologia, cujo trabalho mais emblemático é o de Gilberto Freyre, é ambígua no contexto do pensamento e sociedades brasileiras. Ela acabou sustentando suposições que endossaram a sugestão de que a miscigenação tenha operado uma fragilização do preconceito racial no Brasil. O presente artigo apresenta como dois autores sergipanos, inseridos diretamente no contexto da recepção e desenvolvimento da Sociologia, no Brasil, contribuíram para este debate.

Sílvio Romero e a origem dos estudos sobre a mestiçagem na Sociologia brasileira

Se utilizarmos o critério histórico e sociológico, oferecido por Randall Collins (2005) para auferir a importância de um autor no campo da Sociologia brasileira, é possível afirmar que, durante o último quartel do século XIX e o primeiro do século XXI, Sílvio Romero se destaca no campo intelectual brasileiro, por possuir uma significativa produção no âmbito das ciências sociais, e por criar uma tendência de interpretação da sociedade brasileira.

Antonio Candido (1969), Oracy Nogueira (1978), Machado Neto (1969), Vamireh Chacon (1977), Pinto Ferreira (1969), Guerreiro Ramos (1996), Carneiro Leão (1953) e Heraldo Souto Maior (2003) apontam essa identificação de Sílvio Romero com o momento da recepção da Sociologia no Brasil. Para Machado Neto (1969, p.98), "Da sociologia ele é, em nosso meio, o mais autêntico corifeu, tendo

SÍLVIO ROMERO, FELTE BEZERRA E O DEBATE SOBRE A MISCIGENAÇÃO NO CONTEXTO DA RECEPÇÃO DA SOCIOLOGIA NO BRASIL

não apenas divulgado os seus princípios teóricos, como também praticado, na medida das possibilidades do seu tempo e ambiente, uma constante análise sociológica da realidade brasileira”.

No hodierno estudo de Alberto Schneider (2005, p.21), Sílvio Romero é identificado como “o sociólogo da cultura brasileira e o grande hermeneuta do Brasil”. A hipótese percorrida foi a de que Sílvio Romero “desenvolveu uma autêntica teoria do Brasil: um modo de ler e compreender não apenas a literatura brasileira, mas o próprio país” (Schneider, 2005, p.25). Esta sugestão, que indica a existência de uma tendência interpretativa de inspiração nacionalista, está assentada na ideia de mestiçagem como fator assaz importante para a explicação da cultura brasileira. Esta tendência tem, como principais continuadores, Darcy Ribeiro, Câmara Cascudo, Mario de Andrade e Gilberto Freyre (Schneider, 2005).

Antonio Candido (1969) sugeriu que a primeira manifestação da acolhida da Sociologia no Brasil, durante quase meio século, está presente na *Introdução à História da Literatura Brasileira* (1888). Ali, Sílvio Romero aponta os caminhos que orientaram os estudos sociais no Brasil, ao interpretar o sentido da evolução cultural e institucional segundo os fatores naturais do meio e da raça (Candido, 1969).

Alfredo Bosi (1982) afirma que o enfoque utilizado por este autor, em sua crítica literária, foi o passo decisivo para uma “crítica sociológica de estreita observância” (Bosi, 1982, p.21), propondo uma abordagem da literatura em função das realidades sociais e antropológicas.

Os primeiros alvos das pesquisas de Sílvio Romero voltaram-se para a explicação sociológica da sociedade brasileira a partir do estudo da literatura. Ele mapeou as fontes e os indícios culturais que possibilitaram a circunscrição, no âmbito histórico, antropológico e sociológico, da nação brasileira. É interessante que o conceito de literatura utilizado naquele momento já envolvia o que hoje se denomina de literatura oral. Neste sentido, Romero fez o registro de várias lendas, contos e músicas populares através das suas mais variadas experiências, não só em sua infância, como em suas várias passagens pelos interiores onde morou e trabalhou (Rio, 1908).

Ele inaugurou, no contexto da história da literatura brasileira, uma reação anti-romântica, introduzindo um parâmetro analítico

SÍLVIO ROMERO, FELTE BEZERRA E O DEBATE SOBRE A MISCIGENAÇÃO NO CONTEXTO DA RECEPÇÃO DA SOCIOLOGIA NO BRASIL

alicerçado nos pressupostos filosóficos e teóricos do naturalismo, do racismo científico, do evolucionismo e do cientificismo. O texto e as instituições sociais eram vislumbrados como reflexo das condições sociais, raciais e naturais, adotando, como critério de valor e de validade, o grau de correspondência entre literatura e sociedade. As obras literárias e artísticas, inclusive as manifestações populares, eram tidas como dados e sintomas que revelariam a psicologia de um século, de um povo, de uma nação ou de uma raça.

Sua tarefa básica, no primeiro momento de sua crítica literária (um capítulo de uma Sociologia da literatura) é, conforme Antonio Candido (1988, p. 51), a de “evidenciar a ação do meio, da raça, da tradição popular, a fim de dar orientação certa ao pensamento, por que este, bem orientado, age decisivamente sobre as instituições”.

Alfredo Bosi (1982) aponta a importância da Literatura e da Sociologia no conjunto dos trabalhos de Sílvio Romero, e os princípios estruturadores de sua percepção colonizadora:

- a) a literatura — como as demais artes, o folclore exprime diretamente os fatores naturais e sociais: o clima, o solo, as raças e seu processo de mestiçagem (determinismo bio-sociológico);
- b) a sequência dos fatos na História ilustra a interação dos fatores mencionados; mas ela não é cega, tem um sentido: o progresso da Humanidade (Evolucionismo);
- c) a melhor crítica literária será, portanto, genética e não formalista (Bosi, 1982, p.280).

Câmara Cascudo (1985) afirma que Sílvio Romero foi edificador do primeiro documentário da Literatura Oral brasileira. Em outro trabalho, Câmara Cascudo (1997, p. 825) reforça que ele “foi o maior divulgador e agitador das ideias culturais de sua época e iniciou a história literária no Brasil. O folclore lhe deve as primeiras coleções de cantos, contos e poesias populares, explicações, comentários, valorizações, enfrentando a indiferença e a ignorância do ambiente”.

Uma das obras de Sílvio Romero mais importantes deste período é *Introdução à História da Literatura Brasileira* [1882] (2002). Neste estudo, temos uma boa oportunidade de percebermos o horizonte que guiará a reflexão sociológica deste autor. Num momento em

SÍLVIO ROMERO, FELTE BEZERRA E O DEBATE SOBRE A MISCIGENAÇÃO NO CONTEXTO DA RECEPÇÃO DA SOCIOLOGIA NO BRASIL

que raríssimos trabalhos se aventuraram a compor um panorama da história da literatura brasileira, adverte ele:

A história do Brasil, como deve ser hoje compreendida, não é, conforme se julgava antigamente [...] a história exclusiva dos portugueses na América [...] é antes a história da formação de um tipo novo pela ação de cinco fatores, formação sextiária em que predomina a mestiçagem. Todo brasileiro é um mestiço, quando não no sangue, nas ideias. Operários deste fato inicial não são o português, o negro, o índio, o meio físico e a imitação estrangeira. [...] Para tanto, é antes de tudo mister mostrar as relações de nossa vida intelectual com a história política, social e econômica da nação: será preciso deixar ver como o descobridor, o colonizador, o implantador da nova ordem de coisas, o português em suma, foi-se transformando ao contato do índio, do negro, da natureza americana, e como, ajudado por tudo isso e pelo concurso das ideias estrangeiras, se foi aparelhando o brasileiro, tal qual ele é desde já e ainda mais característico se tornará no futuro [...]. Pretendemos escrever uma introdução naturalística à história da literatura brasileira. Unidos do critério popular e étnico para explicar o nosso caráter nacional, não esquecermos o critério positivo e evolucionista da nova filosofia social quando tratamos de notar as relações do Brasil com a humanidade geral (Romero, 2002, p.124-127).

Sílvio Romero faz a distinção entre o mestiçamento moral e o mestiçamento físico. Segundo ele, podemos, *à luz dos fatos e da ciência* concluir que:

[...] a incorporação do índio e do negro entre nós foi conveniente para garantir o trabalho indispensável à produção da vida econômica do povo novo que ia se formar; e o mestiçamento deles com o europeu foi vantajoso em vários aspectos. Primeiro, ele foi indispensável para a formação de uma população aclimada ao novo meio. Segundo, favoreceu a civilização das duas raças menos avançadas. Terceiro, tornou possível unidade da geração futura, que jamais se daria se os três povos permanecessem isolados em face um do outro sem se cruzarem. E, por último, chega ao seu intento inicial, ou seja, entende o mestiçamento como fundamental para o desenvolvimento das faculdades estéticas da imaginativa e do sentimento, fato real no próprio antigo continente, como demonstrou o ilustre Gobineau (Romero, 2001, p. 59).

SÍLVIO ROMERO, FELTE BEZERRA E O DEBATE SOBRE A MISCIGENAÇÃO NO CONTEXTO DA RECEPÇÃO DA SOCIOLOGIA NO BRASIL

A adesão às teorias coloniais de caráter evolucionista e racial e as suas ambivalências estruturam toda a percepção de Sílvio Romero acerca da miscigenação. O epicentro de sua abordagem contribui para a narrativa que indica um grau de comprometimento da mestiçagem, em função dos estágios inferiores que marcavam as culturas que aqui se relacionaram, e da subordinação dos fatos históricos e sociológicos à ideia de uma natural e universal evolução.

Estes fatos ficariam sem vigor para a história literária, se a par do cruzamento físico não se desse, também, o das ideias. A união neste solo de povos em tão variados estados da inteligência influiu na psicologia do povo brasileiro. Os negros para aqui transportados estavam, ao que suponho por fatos, no momento primeiro do fetichismo, fase primordial da idade teológica, segundo Augusto Comte, a quem sigo neste ponto. Os índios achavam-se no período da astrolatria, momento mais adiantado do estado fetichista. Os portugueses eram monoteístas, último momento do teologismo; mais tinham grandes resíduos da época anterior: o politeísmo. Daí uma grande confusão no todo das crenças e tradições brasileiras, que encerram dados contraditórios de todas as fases de pensamento. Somos um povo em formação recente; não temos, pois, vastas e largas tradições populares. Negros e índios pouco puderam fornecer, e os portugueses já tinham com a renascença, esquecido em parte as tradições da idade média, quando o inconsciente das coisas atirou às nossas plagas. Daí o estado fragmentário de nossa literatura popular (Romero, 2002a, p.133).

A importância da variável racial, fundamental na experiência ambivalente da reflexão operada por intermédio das categorias de pensamento do mundo ocidental, e da naturalização do processo de domínio e eliminação dos povos e culturas na história, é evidente na constituição do olhar sociológico de Sílvio Romero sobre a sociedade brasileira. Segundo ele, “conquanto reconheçamos a extraordinária influência do meio, cremos ainda superior à da raça” (Romero, 2001, p.44).

Verdade é que nos últimos quatro séculos, depois que os europeus correram todos os mares e terras e se arrogaram o direito de tomar conta das regiões ocupadas pelos que chama

SÍLVIO ROMERO, FELTE BEZERRA E O DEBATE SOBRE A MISCIGENAÇÃO NO CONTEXTO DA RECEPÇÃO DA SOCIOLOGIA NO BRASIL

de selvagens e gentes inferiores, muito tem sido feito no sentido da indistinção almejada. Mas tem sido por um processo de morte, de aniquilamento direto ou indireto. O direto é posto em prática pelos anglo-saxônicos, a gente colonizadora por excelência; o indireto, que é o do cruzamento, é, e sempre foi, mais gosto dos ibero-latinos, o segundo grupo de gentes colonizadoras do renascimento a esta parte... Inconscientemente, espontaneamente praticam o processo indireto de apagar povos do livro da vida; mas é mais humano, e não diremos meritório, porque não são coisas filhas da reflexão consciente. É uma queda, um pendor biológico instintivo e nada mais (Romero, 2001, p.44-46).

Nas páginas da *História da Literatura Brasileira [1888]* está delimitada e delineada a importância da miscigenação na formação do Brasil. Um país historicamente marcado pela miscigenação teve, em Sílvio Romero, a síntese de perspectivas que elevou este fenômeno ao status de variável fundamental para pensar a cultura brasileira. Essa postura pode ser mensurada nos capítulos dedicados ao estudo do folclore brasileiro, assim como nos estudos realizados sobre os cantos e contos populares em 1883 e 1885. Segundo Romero (1980),

Um dos fenômenos mais interessantes no estudo das criações populares é o que se pode chamar de mestiçamento [...] de nossa literatura anônima, indicando as várias origens de nossos cantos e contos. Este dado, o mestiçamento, podia ser percebido e encontrado nos mais variados aspectos da nossa cultura, nas [...] cantigas populares, romances, orações, parlendas [...] não se denuncia somente na linguagem; manifesta-se nas fontes mais íntimas das inspirações (Romero, 1980, p.161).

Uma das representações comuns acerca da produção desses intelectuais, em específico com relação a Sílvio Romero, é o tom pessimista que perpassa a sua obra. Antonio Candido (1978, p. 13) caracteriza o trabalho do autor sergipano como marcado por um “derrotismo pessimista, e ao mesmo tempo, um forte patriotismo”. Pessimismo este que está associado à leitura negativa que possuía acerca do cruzamento das raças e de sua posição dentro da

SÍLVIO ROMERO, FELTE BEZERRA E O DEBATE SOBRE A MISCIGENAÇÃO NO CONTEXTO DA RECEPÇÃO DA SOCIOLOGIA NO BRASIL

escala de evolução. “Manda a verdade afirmar ser o mestiçamento uma das causas de certa instabilidade moral na população, pela desarmonia das índoles e das aspirações no povo, que traz a dificuldade da formação de um ideal nacional comum” (Romero, 2001, p.59). Não obstante, essa atitude apreensiva no tocante à miscigenação, ele manifesta por toda a sua obra uma tensão entre o descrédito e a crença otimista no futuro do Brasil.

O Brasil é um país democrático. Filho da cultura moderna, nascido na época das grandes navegações e das grandes descobertas, o que importa dizer, depois da constituição forte da plebe e da burguesia, ele é, além do mais, o resultado do cruzamento de raças diversas, onde evidentemente predomina o sangue tropical. Ora, os dois maiores fatores da igualdade entre os homens são a democracia e o mestiçamento. E, estas condições não nos faltam em grau algum, temo-las de sobra (Romero, 1894, p.15).

Conforme a fala de Romero (2001), bem de acordo com os pretextos do discurso evolucionista, os males das misturas das raças podem ser compensados: “[...] os defeitos apontados, porém, são defeitos que podem ser reduzidos por uma severa educação” (Romero, 2001, p.59).

Romero (2001) busca operar uma genealogia da unidade, que marca a formação social brasileira a partir do elemento mestiço, de forma ambígua, enaltecendo-o e defendendo-o. Suspeitamos que as atitudes de Romero com relação a Tobias Barreto expressavam essa ambivalência da experiência colonial. Seu otimismo quanto ao futuro de um país miscigenado foi capaz de conviver com a condenação discursiva imposta pelas teorias evolucionistas e raciais. O mestiço Tobias que ele construiu na *História da Literatura Brasileira [1888]* e, em *A Filosofia no Brasil [1878]*, como o maior intelectual brasileiro, representava as suas intuições e esperanças.

Silvio Romero deparou-se com um estilo colonial de Sociologia, cujos conceitos fundamentais estavam eivados de leituras depreciativas do que estávamos condenados a ser num futuro distante. Em seus estudos sobre a Filosofia do Direito, ele endossa a teoria evolucionista que naturaliza o colonialismo ao advertir que:

SÍLVIO ROMERO, FELTE BEZERRA E O DEBATE SOBRE A MISCIGENAÇÃO NO CONTEXTO DA RECEPÇÃO DA SOCIOLOGIA NO BRASIL

Na evolução das colônias tem-se dado, até hoje, e se hão de dar para todo o sempre, apenas os três casos seguintes, plenamente demonstrados pela história. A lei de homocronia: a colônia repete e reproduz fenômenos que existem na mãe pátria e os repete e reproduz, por os haver adotado, como eles são exatamente na metrópole no momento do início da colonização. Toda colônia reproduz a estrutura política, econômica, religiosa, etc. da mãe pátria ao tempo que se operou a colonização. Lei da heterocronia: os fenômenos reproduzidos da mãe pátria sejam precipitados, sem guardar sucessão normal, que se havia dado na metrópole. Lei da proterocronia: a colônia pode se antecipar e produzir fenômenos sociológicos que ainda se não tem dado na mãe pátria (Romero, 2001b, p. 96).

A leitura de Sérgio Costa é assaz relevante para a compreensão do que estava e do que está em jogo na recepção e registro dos avanços e desenvolvimentos da Sociologia no Brasil. A visão evolucionista, que consagra como legítimo e natural o lugar da civilização ocidental, foi o elemento constituidor desta ciência.

Não é dominante apenas no âmbito desses primeiros trabalhos das ciências humanas, ele se torna um dos fundamentos da sociologia moderna, que toma as normas sociais, as estruturas e os valores encontrados nas sociedades denominadas ocidentais como o parâmetro universal, que define o que são sociedades modernas. Sob a lente da sociologia, as especificidades das sociedades "não ocidentais" passam a figurar como ausência e incompletude, em face do padrão moderno, depreendido, exclusivamente, das "sociedades ocidentais". Bons exemplos da incorporação pela sociologia moderna do binarismo *West/Rest* seriam categorias como patrimonialismo, em Weber, e modo de produção asiático, em Marx, que, de formas distintas, fraseiam o movimento interno de sociedades definidas como não ocidentais, na gramática implicitamente comparativa que toma as sociedades europeias como padrão (Costa, 2006).

Era um momento, informa Thales de Azevedo (1962), marcado por interpretações sociológicas forjadas no determinismo biopsicológico, cujos interesses se voltam para o mestiço como forma de

SÍLVIO ROMERO, FELTE BEZERRA E O DEBATE SOBRE A MISCIGENAÇÃO NO CONTEXTO DA RECEPÇÃO DA SOCIOLOGIA NO BRASIL

[...] fornecer elementos para a explicação das fraquezas e defeitos de uma sociedade otimista, mas um tanto descrente das qualidades de seu povo, em sua maioria, ainda jungido ao primitivismo das mentalidades bárbaras, que o positivismo colocava no degrau mais baixo e antigo no degrau das civilizações (Azevedo, 1962, p.74).

Para Oracy Nogueira (1978), a aceitação do evolucionismo era estratégica. E, a perspectiva spenceriana correspondente inculca, nas perspectivas destes autores, um fatalismo otimista, criando a expectativa da passagem, mais cedo ou mais tarde, de um estado social menos evoluído a outro mais evoluído, sendo que nisto consistiria basicamente o progresso. O discurso evolucionista facilitou a incorporação da sugestão de superioridade racial como elemento para entender o domínio dos europeus sobre os demais povos. A este discurso, se associou o determinismo geográfico, que criou a dúvida sobre a viabilidade da sociedade nacional nos termos ocidentais.

No entendimento de Alfredo Bosi (1982, p.281):

Hoje, os cânones evolucionistas já estão em crise ou, pelo menos, relativizados; as reservas para-racistas que Sílvio tinha em comum com os antropólogos do tempo já não nos fazem mal; enfim, não cessam de refinar os métodos de análise da obra literária: temos, portanto, armas para reler criticamente os escritos do mestre sergipano e deles extrair o muito que ainda podem oferecer em documentação e, o que mais importa, em interesse constante sob todas as faces de nossa realidade. É a partir de Sílvio que se deve datar a *paixão inteligente* pelo homem brasileiro, pedra de toque de uma linhagem de pesquisadores e críticos que se estenderia até os nossos dias, contando, entre outros, com os nomes de Euclides da Cunha, João Ribeiro, Nina Rodrigues, Oliveira Viana e, a partir do Modernismo, Mário de Andrade, Roquette Pinto, Gilberto Freyre, Artur Ramos, Josué de Castro, Câmara Cascudo, Caio Prado Jr., Nelson Werneck Sodré, Cavalcanti Proença, Cruz Costa, Sérgio Buarque de Holanda, Florestan Fernandes e Antonio Candido.

Felte Bezerra: *Etnias Sergipanas* e a questão da miscigenação

SÍLVIO ROMERO, FELTE BEZERRA E O DEBATE SOBRE A MISCIGENAÇÃO NO CONTEXTO DA RECEPÇÃO DA SOCIOLOGIA NO BRASIL

Felte Bezerra é um intelectual sergipano, graduado em Odontologia pela Universidade Federal da Bahia, em 1933. Durante a sua graduação, o jovem estudante foi influenciado pelo culturalismo de seu ex-professor, Artur Ramos, pelas leituras antropológicas de Ralph Linton, bem como pelo culturalismo geográfico francês sugerido por Vidal de La Blache. Ao longo de sua estada na Bahia, Bezerra experimentou a realização de pesquisas nos terreiros em zonas periféricas soteropolitanas. Método característico da Escola Tropicalista Baiana (ETB), que assim o fazia no sentido de catalogar doenças tropicais não listadas nos manuais de medicina, em sua maioria, pautados em concepções eurocêntricas.

O ano de conclusão do curso do professor Bezerra coincide com a publicação do clássico *Casa grande & senzala* (1933), de Gilberto Freyre. Esta obra emblemática inaugura um modelo substitutivo da mestiçagem para a miscigenação, propondo um olhar culturalista de boa convivência inter-racial na sociedade brasileira. Curiosamente, o ponto de partida de muitas das ideias sugeridas por Freyre, já estava presente na estrutura do texto *Introdução à História da Literatura Brasileira* (1888), escrito por Sílvio Romero. Elementos como a construção de um objeto que incluísse o negro na galeria étnica formativa do povo brasileiro e a catalogação das contribuições culturais de brancos, negros e índios já haviam sido sugeridos pelo jurista sergipano, mas, curiosamente, foram omitidos pelo sociólogo pernambucano, muito provavelmente porque a imagem do primeiro estava relacionada ao preconceito racial e, por consequência, de uma análise pessimista de nação.

Do ponto de vista metodológico, outra ideia presente em *Introdução à história da literatura brasileira* e que se manteve entre a geração de 1930 a 1950 foram as pesquisas folclóricas. Nesse sentido, destacamos os trabalhos realizados por Câmara Cascudo, Felte Bezerra, entre outros pesquisadores, que mantinham uma teia de amizades, interesses temáticos e sociabilidades intelectuais (Barbosa, 2023), através de encontros, eventos, publicações, que se davam, principalmente, por meio dos diferentes Institutos Históricos e Geográficos dos seus respectivos Estados, organizando espaços de interações, discussões, publicações etc.

SÍLVIO ROMERO, FELTE BEZERRA E O DEBATE SOBRE A MISCIGENAÇÃO NO CONTEXTO DA RECEPÇÃO DA SOCIOLOGIA NO BRASIL

Os pontos de distanciamento da reflexão de Romero sobre Freyre se dão na passagem da mestiçagem para a miscigenação. Enquanto o primeiro tendia a uma leitura pessimista na relação povo e nação, o modelo da década de 1930 ficou marcado pela sugestão de boa convivência inter-racial como elemento característico de uma identidade brasileira, modelo a ser copiado por outras nações, diante das ameaças de conflitos étnico-raciais.

Não por acaso, as hipóteses freyreanas foram muito bem recepcionadas durante o período de entreguerras na Europa, despertando a atenção para o Brasil em um cenário internacional. Pesquisadores como Donald Pierson, que fez sua tese na Bahia, entre 1937 e 1941, e Roger Bastide, pesquisador francês, que se debruçou sobre os terreiros baianos (1941), com o intuito de pesquisar o sincretismo religioso como mecanismo de boa convivência interétnica. A visibilidade do Brasil em um cenário internacional se deu, também, por meio do capital internacional, interessado em investir em territórios longe dos riscos de guerras mundiais, uma ideia que agradou ao Governo brasileiro e seu propósito de implementar uma modernidade nos idos de 1930. Por fim, as teses freyreanas chamaram a atenção da própria UNESCO, que passou a patrocinar pesquisas e comissões folclóricas com o intuito de investigar essa boa convivência entre diferentes povos no Brasil.

Se *Casa Grande e Senzala* [1933]; (2000) ofereceu uma temática de pesquisa por meio da hipótese do bom convívio racial, a obra *Jubiabá* (1934), escrita por Jorge Amado, sugeriu a Bahia como um grande laboratório social a céu aberto. Não por acaso, Emilio Willems fez sua tese na Bahia em 1941, mesmo ano do desembarque de Roger Bastide, que também estava nessa cidade para se dedicar às pesquisas dos terreiros soteropolitanos. Bezerra, que havia se desiludido com o campo da Odontologia, ingressou no magistério, ao escrever a tese *Da terra* (1938) tornando-se catedrático em Geografia. No ano seguinte, ingressou no Instituto Histórico e Geográfico Sergipano (IHGSE), onde consolidou uma carreira e chegou à presidência, entre 1951 a 1953. Já em 1941, ano de defesa da tese de Willems e da chegada de Bastide a Salvador, Bezerra, demonstrando preocupação com a agenda de

SÍLVIO ROMERO, FELTE BEZERRA E O DEBATE SOBRE A MISCIGENAÇÃO NO CONTEXTO DA RECEPÇÃO DA SOCIOLOGIA NO BRASIL

seu tempo, publica, pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, o texto *Unidade étnica* (1941).

A obra *Etnias sergipanas* ([1950]; 1984), de Felte Bezerra, traz um texto em que o autor vinha experimentando suas hipóteses por meio do IHGSE, nas Comissões de Folclore entre outros espaços. O referido livro conta com um prefácio do sociólogo alemão Emílio Willems, e relaciona o possibilismo geográfico francês com estudos antropológicos, étnicos, culturalistas. Na obra, Willems apresenta a atividade agrícola como elemento organizador de uma estrutura social, territorial e impulsionador de uma economia.

Felte Bezerra entendia a miscigenação inserida nas zonas açucareiras, em Sergipe Colonial e Imperial, enquanto processo inevitável dentro do ritmo de modernização do país, identificou particulares “contribuições” para uma maior aproximação e solidariedade entre brancos e negros no plano da cultura, o que facilitaria a incorporação de negros no desenvolvimento do país (Santos, 2016, p. 53).

O intelectual sergipano transita entre pesquisas diacrônicas e sincrônicas, se debruçando sobre crônicas de viajantes do período colonial e conformações urbanas da cidade de Aracaju, por meio de estudos de comunidades quilombolas. O ponto de partida da intelectual é a tese romeriana, que coloca: “o povo brasileiro é resultado do choque entre culturas indígenas, as negras e uma civilização lusitana” (Bezerra, 1984, p. 17). Note que, embora os intelectuais classifiquem a geração de 1930 a 1950 como um novo momento na historiografia brasileira, argumentando essencialmente a substituição do modelo biológico mestiço pelas trocas culturais dos debates miscigenados, a propositura sugerida por Romero acerca das três raças como constituintes do povo brasileiro continuava.

Em nosso entender, parece haver uma preocupação por parte dos intelectuais dessa geração em omitir o nome do jurista sergipano em seus textos, que não parece ser acaso. Muito provavelmente, esta intencionalidade intelectual leva a uma propositura que

SÍLVIO ROMERO, FELTE BEZERRA E O DEBATE SOBRE A MISCIGENAÇÃO NO CONTEXTO DA RECEPÇÃO DA SOCIOLOGIA NO BRASIL

relega a mestiçagem ao esquecimento, e traz à tona o tema da miscigenação. Essa é a tônica que conduz a obra *Casa Grande e Senzala*, livro que inverte as intuições pessimistas da mestiçagem por uma lógica otimista de miscigenação racial, uma propositura que atendia a uma agenda de conflitos éticos que levaram a duas Guerras Mundiais, e assim projetava o Brasil no cenário internacional, atraindo pesquisadores americanos, franceses e alemães, assim como a própria UNESCO, que chega a patrocinar um projeto de pesquisa realizado em Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo, com o intuito de testar as hipóteses de boa convivência racial no Brasil, sugeridas por Gilberto Freyre.

Felte Bezerra era um pesquisador preocupado com temas e métodos de sua época, e a sua obra *Etnias Sergipanas* está diretamente ligada a essa agenda. Assim como os culturalistas de seu tempo, Bezerra busca no diacronismo elementos para compreender as configurações geográficas e culturais de seu tempo. Ele discute a colonização e traça um mapeamento dos fluxos migratórios no Estado, com sobrenomes dessas famílias e atividades econômicas desenvolvidas em cada região, relacionando-as com os elementos econômicos e fundações religiosas que dão origem aos aldeamentos, vilas e, mesmo, das cidades. Bezerra percebe os traços fenotípicos, os sobrenomes destes habitantes e os relaciona com os fluxos migratórios no território sergipano.

Seguindo o que era sugerido pelos manuais culturalistas de seu tempo, Bezerra partiu de uma diacronia, investigando fluxos migratórios, associando-os às atividades econômicas de cada região do Estado sergipano e correlacionando aos sobrenomes, bem como aos seus fenótipos. Como mecanismo de confirmação de seus achados diacrônicos, Bezerra faz uma análise sincrônica. O professor do Colégio Atheneu Sergipense observou 400 alunos, entre seus quase 3000 discentes, percorrendo sobre íris ocular, sobrenomes e seus antecedentes, construindo um mapa dos corredores étnicos, regiões e atividades produtivas em Sergipe, de forma a ratificar os dados obtidos de modo diacrônico.

Em linhas gerais, *Etnias Sergipanas* apresenta uma estrutura similar à *Casa grande e senzala* (1933), discutindo o europeu, o africano e o indígena, e os seus legados culturais. No que toca ao primeiro

SÍLVIO ROMERO, FELTE BEZERRA E O DEBATE SOBRE A MISCIGENAÇÃO NO CONTEXTO DA RECEPÇÃO DA SOCIOLOGIA NO BRASIL

grupo, o autor observou a presença religiosa, as missões e aldeamentos, a movimentação territorial de determinados grupos alourados e sua fixação nas cidades de Itabaiana e Lagarto. Bezerra analisa ainda a presença holandesa em Sergipe, os tipos flamengos e sua relação com o gado etc. ao analisar o tipo africano, Bezerra aponta motivos e condições para o tráfico negreiro, a mestiçagem, o conagraçamento com núcleos leucodermas entre outros temas.

O livro segue suas análises étnicas, agora debatendo o elemento africano, sua necessidade e a contribuição na formação de um tipo sergipano. O fio condutor do debate são os fluxos migratórios, os “rastros” analisando os sobrenomes e as atividades produtivas que levam à sedentarização desses grupos em determinadas regiões. O negro é apresentado por sua relação com o trabalho em regiões de plantio de cana-de-açúcar e a sua fixação na cidade de Laranjeiras (SE). Nesta cidade, onde o professor Bezerra faz várias incursões aos terreiros, com a metodologia aprendida, que era característica da Escola de Medicina Bahiana, e assim o pesquisador sergipano o fez, em busca de elementos sincréticos religiosos, como mecanismo de comprovação do bom convívio inter-racial. Esse capítulo traz uma particularidade assaz interessante, que, ao ler o livro das professoras Beatriz Goes Dantas e Verônica Nunes (2009) mostra a capacidade metodológica do autor e porque ele obteve elogios, no tocante à sua capacidade, por parte de Emilio Willems, Donald Pierson, Roger Bastide entre outros.

O livro de Dantas e Nunes (2009) é uma apresentação das cartas recebidas por Felte Bezerra em seu itinerário intelectual. E, aqui vale um adendo, Bezerra já vinha testando, ao longo da década de 1940, hipóteses do que viria a constituir o livro *Etnias Sergipanas* (1950). A princípio, ele procurou seu antigo professor de curso na Faculdade de Medicina da Bahia, o professor Arthur Ramos, que já havia se transferido para o Rio de Janeiro, e que, por algum motivo, não atendeu ao seu apelo. Esse chamado foi atendido por Willems, que ao ler o texto *O xangô de Zeca* (1948), apresentado na Subcomissão de Folclore (1948), percebeu que o intelectual sergipano atendia ao chamado feito por Pierson sobre a

SÍLVIO ROMERO, FELTE BEZERRA E O DEBATE SOBRE A MISCIGENAÇÃO NO CONTEXTO DA RECEPÇÃO DA SOCIOLOGIA NO BRASIL

necessidade de mapear os tipos populacionais em seus respectivos Estados.

O xangô de Zeca (1948) foi publicado pela revista *Sociologia*, da Universidade de São Paulo. Willems e Bezerra trocam, então, uma série de cartas, e o intelectual lhe conta sobre sua vontade de escrever um livro, pedindo ajuda ao sociólogo alemão, radicado em São Paulo, que aceita prontamente, mas, percebe a capacidade do sergipano em conduzir, ele mesmo, a sua obra. Não obstante, Willems fazia alguma sugestão. Uma delas foi quando o sociólogo alemão percebeu a capacidade de Bezerra com a Antropologia Física, e lhe sugeriu que fizesse uma análise sobre a queda média da estatura nas sucessivas gerações do tipo negróide, adotando como hipótese o cruzamento racial e a consequente degeneração racial. Bezerra, entretanto, percebeu que tal método e hipótese o levariam a metodologias evolucionistas, das quais ele procurava se esquivar. Lembremo-nos que o evolucionismo e o culturalismo norte americano possuem traços diacrônicos e muitos outros elementos que os aproximam, mas Bezerra teve a sagacidade de perceber essa “cilada metodológica” respeitosamente, sem perder a orientação de seu interlocutor, o pensador sergipano faz tal análise, mas argumentando pelo baixo poder econômico desse tipo étnico, e daí, a consequente baixa ingestão alimentar que resulta da queda da estatura média entre os negros, em sucessivas gerações.

Etnias Sergipanas (1950) apresenta, ainda, um capítulo sobre os povos indígenas, desde como estes eram vistos pelos cronistas viajantes, os aldeamentos, a miscigenação e a extinção das missões indígenas. O autor percebe que o território sergipano (assim como, também, o território de Alagoas), tinha uma importância estratégica como elemento fornecedor de carne e indígenas que serviriam de mão de obra nos plantios de cana-de-açúcar. O cultivo desta cultura, associado à criação de pastos, destinados a servir o mercado com carne e couro, levaram os indígenas a um deslocamento para o interior do território cada vez maior.

No capítulo que dá nome ao livro, Bezerra (1950) analisa as trocas culturais, e, aos moldes culturalistas de seu tempo, investiga os terreiros em Aracaju e Laranjeiras, findando por reforçar as teses freyreanas da boa convivência interracial. O sergipano sugere um

SÍLVIO ROMERO, FELTE BEZERRA E O DEBATE SOBRE A MISCIGENAÇÃO NO CONTEXTO DA RECEPÇÃO DA SOCIOLOGIA NO BRASIL

tipo de convivência aos moldes do *melting-pot*, ou seja: pensemos em uma salada de verduras, todos os alimentos estão ali, mas você vê as diferenças entre alface, tomate e cebola, podendo escolher “só vou pegar tomates”. Situação bem diferente de uma sopa, por exemplo, onde os ingredientes que ali estão se diluem, trocando sabores.

Na seção mais síncrona do seu texto, o autor parte dos dados estatísticos populacionais para discutir o conglomeramento entre famílias, formação de conglomerados urbanos e distribuição dos tipos étnicos na capital Aracaju (Bezerra, 1984). Em linhas gerais, o livro traz temas e métodos de seu tempo. O trabalho foi muito bem recepcionado no contexto intelectual e acadêmico do momento de publicação, além de elogiado por seu *approach* e rigor metodológico, por parte de intelectuais como Roger Bastide, Donald Pierson, Câmara Cascudo, entre outros. Bastide parabenizou o intelectual sergipano pelo poder de

condense une masse d'observations, de richesses, de tentatives génèalogiques... Quand on a l'experience des difficultés qui l'on rencontre à faire les enquêtes dans certaines zones de milieux sociaux, on ne peut qu'admirer ce que vous avez réussi à faire à Sergipe... Je crois que les Xangô de Sergipe ont ité à present par les chercheurs [...] (Bastide apud Dantas; Nunes, 2009, p.97).

O professor Thales de Azevedo, da Universidade Federal da Bahia, enalteceu que,

o domínio da problemática teórica... você conhece e toma posição conscienciosa das doutrinas que têm perpassado pela Antropologia, procurando fixar-lhe o fundamento epistemológico e a tese explicativa. Seu tratado – que o é realmente –, tem o melhor crédito no meio universitário (Dantas; Nunes, 2009, p. 134).

Os exemplares da obra destinados ao seu interlocutor, Willems, dado ao seu retorno para os Estados Unidos, findaram sendo recepcionados por Oracy Nogueira, que informou do retorno de Willems para a América do Norte, e manifestou sua curiosidade

SÍLVIO ROMERO, FELTE BEZERRA E O DEBATE SOBRE A MISCIGENAÇÃO NO CONTEXTO DA RECEPÇÃO DA SOCIOLOGIA NO BRASIL

sobre o tema. Nogueira descendia de uma família de professores da rede pública de ensino, e durante a sua infância, transitou por cidades do interior de São Paulo (Cunha, Catanduva e Botucatu).

Em meados dos anos 1930, transferiu-se para a cidade de São Paulo com a família, após ficar internado em São José dos Campos (1936-37) para o tratamento de uma tuberculose (Nogueira, 1995 [1984]). Em 1940, ao concluir o curso de formação de professores, Nogueira ingressou na ELSP. Estudante-bolsista e assistente de pesquisa do sociólogo Donald Pierson, ele foi ainda aluno de Radcliffe-Brown, Emilio Willems, Herbert Baldus, entre outros. Formado pela Universidade de Chicago, e autor de livro clássico, *Negroes in Brazil* (1942), sobre as relações raciais na cidade de Salvador, Pierson criou, no início da década de 1940, a divisão de estudos pós-graduados da ELSP, onde permaneceu por 16 anos. Ele exerceu papel central no desenvolvimento do ensino e da pesquisa em ciências sociais no país (Maio, 2014, p. 24).

Conforme observado pelo professor Marcos Maio,

Durante o bacharelado [Nogueira] elabora seu primeiro artigo, que versa sobre os preconceitos de anunciantes de São Paulo quanto à cor dos empregados, tendo como fonte de anúncios de procura e oferta de emprego do Diário Popular, publicados ao longo do mês de dezembro de 1941. Nogueira evidencia, mediante levantamentos estatísticos e entrevistas com os anunciantes, as atitudes desfavoráveis em relação aos não brancos (Nogueira, 1942a, p. 328). De um total de 245 anúncios que apontavam a cor branca como condição para a admissão no cargo, 22 seis davam preferência a candidatos "de cor", e quatro mostravam indiferença em relação à cor (Nogueira, 1942a, p. 334). Antes de se deter no exame das atitudes desfavoráveis a empregados negros, Nogueira apresenta o perfil social dos 239 anunciantes entrevistados. Pertencentes às classes médias e altas, eles constituíam um grupo heterogêneo do ponto de vista profissional (Maio, 2014, p. 344-347).

Entre 1942 e 1945, Nogueira realizou o mestrado e iniciou a carreira docente, ambos na ELSP. Ele contraiu tuberculose e viveu por dois anos em isolamento, o que o inspirou para futuras teses acerca da

SÍLVIO ROMERO, FELTE BEZERRA E O DEBATE SOBRE A MISCIGENAÇÃO NO CONTEXTO DA RECEPÇÃO DA SOCIOLOGIA NO BRASIL

relação entre isolamento e estigmatização a que as pessoas contaminadas eram submetidas. Nogueira percebeu como essa estigmatização finda pelo encaminhamento de uma redefinição identitária perante a sociedade. E, analisa a tríade estigmatização, isolamento social e redefinição identitária, sugerindo uma hipótese, por meio da qual haveria, no Brasil, um preconceito de marca ou de cor.

Em 1947, Nogueira regressa ao Brasil, com o intuito de realizar pesquisas empíricas para a sua tese, sobre o tema das relações raciais na comunidade em Itapetininga, São Paulo. Ele adotou uma nova abordagem microestrutural da sociedade, privilegiou a questão do conflito em sua análise, e criticou Freyre e seus adeptos, por valorizar uma harmonia social, negligenciando a violência que foi submetida ao negro escravizado.

O distanciamento da preocupação acerca da violência sobre o negro é o ponto fundamental para a elaboração de uma ideia de boa convivência e, por consequência, da miscigenação. Esta pauta atraiu intelectuais estrangeiros e alimentou uma geração, entre os quais encontramos Felte Bezerra. Na avaliação do professor Marcos Maio (2008, p. 41), a

Revisão historiográfica elaborada por Oracy será ampliada com a crítica à ideologia tradicional das relações raciais no Brasil. Ela aparecerá no final de 1950, com a publicação na revista *Sociologia* – periódico da Escola Livre de Sociologia e Política do qual era editor, junto com Donald Pierson – da resenha do livro *Etnias Sergipanas* (1950), do “médico-antropólogo” sergipano Felte Bezerra. No prefácio à obra, o sociólogo Emilio Willems, professor da ELSP e da USP, destacou que as “ciências sociais aplicadas”, no Brasil, só vingarão caso existam “pesquisadores treinados e um conjunto de conhecimentos sólidos acumulados mediante meticolosos trabalhos de campo”. O estudo de Felte Bezerra seria mais um exemplo de trabalho antropológico, que poderia ampliar o conhecimento de uma sociedade em processo de mudança social.

SÍLVIO ROMERO, FELTE BEZERRA E O DEBATE SOBRE A MISCIGENAÇÃO NO CONTEXTO DA RECEPÇÃO DA SOCIOLOGIA NO BRASIL

Nogueira percebeu, em Bezerra, especial atenção para os tipos alourados, justificada pelo intelectual sergipano por estes não constituírem tipos habituais em Portugal, senão um pouco das províncias mais setentrionais. Por serem os louros pequenos contingentes é que se prestam, como pistas, a um estudo, a fim de que possamos remontar aos povos que os originaram e que esclareçamos a contribuição não portuguesa na formação do sergipano (Bezerra *apud* Nogueira, 1950, p. 324).

Essa preocupação com os alourados não era exclusividade metodológica do intelectual sergipano. Esta ferramenta analítica esteve presente, também, nas observações de Câmara Cascudo, que, após ler o livro *Etnias Sergipanas* escreveu uma carta ao amigo Felte Bezerra, elogiando a obra e concordando com as suas colocações, afirmando que

Ainda creio ter sido o português esse elemento que trouxe, no tempo, a permanência do cabelo alourado e a iris côr de xexéu. Fiquei quase convencido desse palpite durante os longos meses de vadiagem etnográfica no norte de Portugal, especialmente nas povoações, nas herdades, nas vilas pequeninas do norte, depois do Porto, Minho e as Beiras. Lá encontrei o portuga alto, membrudo, olho azul, cabelo fino, castanho ou louro, lento, cheirando a Godo convencional. É a região que lembra o Brasil pelo costume, pela alimentação, acima de tudo pela mentalidade, pelo folk-ways. É a região povoadora do Brasil nortista [...] (Cascudo *apud* Dantas, Nunes, 2009, p. 177-178).

Nogueira enviou uma carta direcionada para Bezerra, informando que havia escrito um artigo intitulado *A propósito de Etnias Sergipanas* (este seria publicado na *Revista Sociologia*) e indagou sobre o interesse do intelectual sergipano de contra-argumentar as críticas. Ambos os textos foram publicadas na referida revista, em 1950. Sobre tal embate Marcos Maio (2008, p. 41), destacou que

Oracy se fixa no capítulo "Contato e Relações de Raça". Destaca a aproximação realizada por Felte do padrão de relações raciais em Sergipe e na Bahia, sob inspiração do livro de Donald Pierson (*Negroes in Brazil*). Observa ainda que Felte

SÍLVIO ROMERO, FELTE BEZERRA E O DEBATE SOBRE A MISCIGENAÇÃO NO CONTEXTO DA RECEPÇÃO DA SOCIOLOGIA NO BRASIL

encontrava-se envolvido pela ideologia tradicional dos contatos raciais no Brasil [...].

Etnias Sergipanas seguiu as intuições sobre a contribuição de brancos, negros e índios para a cultura brasileira, inclusive na distribuição dos capítulos apresentados no livro. Essas intuições foram propostas por Sílvio Romero em *Introdução à História da Literatura Brasileira* e percutidas por Gilberto Freyre, na década de 1930.

Sílvio Romero, Felte Bezerra, Gilberto Freyre e a miscigenação na interpretação do Brasil

As sugestões de que, no Brasil, não havia preconceito racial foram fundadas a partir de leituras sobre a natureza e o caráter das relações interétnicas aqui ocorridas. Em Sílvio Romero, tido aqui como o iniciador dessa interpretação, as orientações teóricas estavam vinculadas aos discursos coloniais de caráter racista e evolucionista, deixando patente nas conclusões de seus estudos, não de forma ambivalente, o papel da miscigenação na formação da sociedade brasileira.

Gilberto Freyre, continuador desta tendência, adota a estrutura de compreensão do Brasil, assentada no rastreamento e na busca dos significados da contribuição das três culturas para a formação da sociedade e cultura nacionais. Tendo como moldura teórica o culturalismo de Franz Boas e as coordenadas das ciências sociais de matriz não racial, incluindo, aí, o materialismo histórico, sua abordagem percorreu essas inter-relações e contribuiu para a construção de um dilema que até hoje marca a nossa experiência nacional. De sua obra, foram extraídos vários argumentos que sustentaram a suposição das relações harmoniosas entre as diferentes matrizes étnicas no Brasil.

Para Antonio Candido (1978, p. 13), Sílvio Romero influenciou “diretamente no modo de Gilberto Freyre conceber a gênese das classes dominantes”. Em Pinto Ferreira (1981), tem-se a constatação de que a influência de Romero estaria em uma

SÍLVIO ROMERO, FELTE BEZERRA E O DEBATE SOBRE A MISCIGENAÇÃO NO CONTEXTO DA RECEPÇÃO DA SOCIOLOGIA NO BRASIL

Linha ideológica que, mais tarde, seria trilhada e aproveitada por Gilberto Freyre, em sua sociologia, pois, na verdade a concepção sociológica do aludido autor representa apenas uma recontinuação em uma nova fase de desenvolvimento, das ideias do mestre sergipano (Ferreira, 1981, p.106).

O resultado do estudo de Alberto Schneider (2005, p.243) sugere, com veemência, que existem “resquícios sutis e vigorosos da velha leitura romeriana do Brasil nas páginas freyreanas. Cotejar as obras desses autores revela pontos de contato mais profundos do que habitualmente se supõe”. No ensaio de Ricardo Souza (2007), também é notada essa relação de continuidade com Freyre, na observância de que Romero já havia, como este, notado a tendência e propensão do português miscigenado em constituir uma nova raça mestiça.

De fato, Gilberto Freyre era leitor de Sílvio Romero, e incorporou sua obra não somente como fonte sobre cultura brasileira, mas, desenvolveu as veredas abertas pela sugestão da interpretação de Sílvio Romero³. A percepção de como o cadinho da história permitiu a edificação do mestiço era autenticamente sociológica. Isto está presente em seus três grandes trabalhos sobre a história da sociedade patriarcal no Brasil. Em *Casa Grande e Senzala* (2000), ele recupera de Sílvio Romero a contribuição do português, do negro e do índio na formação dos costumes e da cultura brasileira, além de citá-lo como fonte sobre os costumes e as relações de então. Em outra obra de Freyre, *Sobrados e Mocambos* [1936] (2000a), a referência se dá em torno da questão da importância da miscigenação como fator dinâmico da sociedade brasileira, mostrando como Romero percebia a importância que o mestiço, particularmente o bacharel, estava ocupando nas funções públicas. Neste caso, Freyre aponta para o fato de que o *sagaz sergipano* já havia notado o fato

[...] que, nestas páginas, procuramos associar ao declínio do patriarcado rural no Brasil: a transferência de poder,

³ Em certo sentido, Gilberto Freyre é portador de uma tendência interpretativa que passou por outros autores que o procederam, sobretudo os intelectuais brasileiros do século XIX; entre estes, Sílvio Romero, para o qual o país é fatalmente democrático (Schneider, 2005).

SÍLVIO ROMERO, FELTE BEZERRA E O DEBATE SOBRE A MISCIGENAÇÃO NO CONTEXTO DA RECEPÇÃO DA SOCIOLOGIA NO BRASIL

ou de soma considerável de poder, da aristocracia rural, quase sempre branca, não só para o burguês intelectual – o bacharel ou doutor às vezes mulato – como para o militar – o bacharel da escola militar e da escola politécnica, em vários casos negróides (Freyre, 2000a, p.1226).

Dando continuidade às veredas propostas por Sílvia Romero, Gilberto Freyre afirma que “o mestiço, o mulato, digamos delicadamente, o moreno, na acepção já assinalada por Sílvia Romero, parece vir revelando maior inteligência de líder que o branco, ou o quase branco” (2000a, p.1295). Em *Ordem e Progresso*, há algumas referências interessantes sobre Romero. Identifica, neste autor, certo pessimismo característico daquela geração em relação ao Brasil, mas, segue a trilha deste Sílvia Romero ao perceber como os traços nacionais já se manifestavam na música, na culinária, na literatura e na cultura de uma maneira geral, caracterizando a obra do autor sergipano como representante de um “brasileirismo cultural” (Freyre, 2000b, p.751). Para Gilberto Freyre, a relação de Romero com a questão da interpenetração das raças é muito contraditória. Ora defendia, ora não (Freyre, 2000b). Conforme ele pontua: “quanto a Romero – por vezes campeão ardoroso do melanismo – faltou-lhe, neste ponto, coerência. Mesmo assim, suas atitudes foram, antes, no sentido de favorecer que impugnar o que fosse tendência brasileira à melanização do homem ou da gente nacional” (Freyre, 2000b, p.472).

Observamos, portanto, que a relação de Gilberto Freyre com Sílvia Romero é de leitor e, de certa forma, ampliador do debate já inaugurado pelo sergipano. Em uma das poucas referências diretas a Romero, além de seus três estudos sobre o apogeu e declínio da sociedade patriarcal, Gilberto Freyre⁴ assiná-la a importância de Sílvia Romero:

A História da literatura brasileira, de Sílvia Romero, é um desses livros que protegem um povo contra a agressão e o desânimo, como se fossem fortalezas, e, ao mesmo tempo, igrejas. Que se

⁴ Cf., Schneider, 2005, p. 472.

SÍLVIO ROMERO, FELTE BEZERRA E O DEBATE SOBRE A MISCIGENAÇÃO NO CONTEXTO DA RECEPÇÃO DA SOCIOLOGIA NO BRASIL

levantam contra os que descreem dos valores nacionais de cultura e contra os que agridem esses valores por considerá-los perniciosos ou maus. Na verdade, o que Sílvio Romero nos deixou neste livro monumental foi a afirmação do devido poder de desenvolver uma literatura diferente da portuguesa. Uma literatura-reflexo da nossa cultura mestiça e expressão da nossa condição de americanos. (...) Ao lado dele, os historiadores dos institutos nos surgem, quase todos, diminuídos como se fossem homens de outra raça intelectual.

A sugestão que indica a continuidade nas discussões entre Gilberto Freyre está relacionada a elementos presentes não de forma direta na relação entre professor e aluno. Gilberto Freyre não foi aluno da FDR,⁵ embora seja muito provável que tenha convivido e se relacionado com os principais percussores da Escola do Recife⁶, seu pai, Alfredo Freyre, era catedrático de economia política da FDR e participou do Centro Regionalista do Nordeste (prenúncio do movimento regionalista).

Sabemos que os temas dominantes são os que definem o que, num certo momento, deve ser estudado e que delimitam as questões importantes para os pesquisadores sobre as quais eles devem concentrar seus esforços. Entretanto, as redes e o universo intelectual operam muitas das vezes a partir das lacunas e limites deixados pelas propostas explicativas que encontram sobre determinados fenômenos. É o que Gilberto Freyre fez. Ele muda as coordenadas que operavam o entendimento da cultura brasileira no século XIX. Ou seja, ao invés de levar em consideração os "vícios hereditários", a "inferioridade psíquica", o "atraso evolutivo" que resultavam (supostamente) da miscigenação (esta por sua vez determinante do alcoolismo, da criminalidade, e do nosso atraso) Gilberto Freyre opera, conforme Thales de Azevedo (1962, p.76), "uma autêntica revolução no método da história social e da

⁵ A relação de Gilberto Freyre com a FDR não foi institucional, ele apenas, no ano de 1935, a pedido dos alunos da Faculdade de Direito do Recife, e por designação do Ministro da Educação, inicia esta faculdade um curso de Sociologia com orientação antropológica.

⁶ Gilberto Freyre representou o que Sílvio Romero e Tobias Barreto representaram para a sua geração. Gilberto Freyre conviveu e conheceu diretamente quase todos os que escreveram sobre a Escola do Recife e que passaram pela FDR. Um estudo longitudinal sobre a Sociologia no Brasil tratará de refazer essas conexões e percebermos com determinados grupos vão se formando e desenvolvendo os objetos sagrados de seus grupos.

SÍLVIO ROMERO, FELTE BEZERRA E O DEBATE SOBRE A MISCIGENAÇÃO NO CONTEXTO DA RECEPÇÃO DA SOCIOLOGIA NO BRASIL

Antropologia cultural nacionais". Ele deixa de examinar a mestiçagem para

[...] além dos termos gerais do problema, isto é, reduzindo às proporções reais as correlações entre o substrato orgânico e o biótico e as forças históricas que atuaram na vida brasileira desde a inauguração desta como cultura autônoma no tempo da Colônia, e tratando com fatores distintos em sua gênese a raça e a cultura [...] em Gilberto Freyre, a miscigenação [...] é apreciada como um fenômeno de outra ordem, diríamos mais nobre, de natureza social e de sentido positivo, um corretor das distâncias sociais e do profundo hiato cultural entre o branco e o indígena, particularmente entre aquele e o negro, entre o senhor e o escravo ou liberto, entre o civilizado e o bárbaro, entre a casa grande e a senzala (Azevedo, 1962, p.76-77).

A reinterpretção do mestiço e da mestiçagem, de acordo com Thales de Azevedo (Azevedo, 1962, p.78), permitiu que Gilberto Freyre ocupasse

Uma posição que nenhum outro intérprete da nossa civilização já assumira; e leva-o a sugerir a hipótese de que, além de promover a mobilidade horizontal e vertical das pessoas de cor, além de atuar como forte elemento de integração transnacional ou supranacional das populações assim formadas" (Azevedo, 1962, p.78).

Felte Bezerra, autor situado no contexto de consolidação de padrões de pesquisas mais criteriosos das ciências sociais em solo brasileiro, percorre a mesma senda criada por Romero, e trilhada por Freyre, para explicar as relações interétnicas da sociedade sergipana e brasileira. Suas conclusões, que atestam a inexistência, ou existência pouco expressiva, do preconceito racial em Sergipe, resultam muito provavelmente dessas influências.

O cenário atual não permite a utilização das constatações efetuadas por Felte Bezerra. Ele ilustra como as pesquisas das ciências sociais brasileiras, nos âmbitos teórico e metodológico, avançaram durante as décadas de 1940 e 1950, e dissecaram a

SÍLVIO ROMERO, FELTE BEZERRA E O DEBATE SOBRE A MISCIGENAÇÃO NO CONTEXTO DA RECEPÇÃO DA SOCIOLOGIA NO BRASIL

ossatura da natureza das relações raciais no Brasil. O diálogo entre Bezerra e Oracy Nogueira (1950), é tido, aqui, como o primeiro a contestar tanto o padrão de interpretação dos outros autores como, também, as imagens que orbitavam em torno do racismo no Brasil, o que ilustra os termos destes avanços.

Referências

AZEVEDO, T. Gilberto Freyre e a reinterpretação do mestiço. *In: Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte* (vários autores). Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1962.

BARBOSA, I. Randall Collins e a dinâmica sociológica do mundo intelectual. *Revista de Ciências Sociais*, 54(1), 113–136, 2023.

BEZERRA, F. As origens do rio Real. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*. Sergipe: n.19, 1948. p. 72–80.

BEZERRA, F. *Etnias Sergipanas*. 2. Ed. Aracaju: Governo do Estado de Sergipe, 1984.

BEZERRA, F. *Da Terra*. Tese para concurso. Aracaju: Ávila, Aracaju, 1938.

BOSI, A. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 3ª. Edição. São Paulo, Cultrix, 1982.

CANDIDO, A. A Sociologia no Brasil. *In: Enciclopédia Delta Larousse*. Rio de Janeiro; Delta S.A, 1969.

CANDIDO, A. Introdução. *In: ROMERO, S. Teoria, Crítica e História Literária*. Rio de Janeiro; LTC, São Paulo; EDUSP, 1978.

SÍLVIO ROMERO, FELTE BEZERRA E O DEBATE SOBRE A MISCIGENAÇÃO NO CONTEXTO DA RECEPÇÃO DA SOCIOLOGIA NO BRASIL

CANDIDO, A. **O método crítico em Sílvio Romero**. São Paulo; EDUSP, 1988.

CASCUDO, L. C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo, Ediouro, 1997.

CASCUDO, L. C. Prefácio. *In*: ROMERO, S. **Folclore brasileiro: cantos populares do Brasil**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1985.

CHACON, V. **História das Ideias Sociológicas no Brasil**. São Paulo; Edusp/Grijalbo, 1977.

COLLINS, R. **Sociologia de las filosofias: uma teoria global del cambio intelectual**. Barcelona, Editorial Hacer, 2005.

DANTAS, B. G.; NUNES, V. M. M. (Orgs.) **Destinatário: Felte Bezerra – Cartas a um antropólogo sergipano (1947–59) – (1973–85)**. São Cristóvão: Editora UFS, 2009.

FERREIRA, P. A sociologia no Brasil. *In*: **Sociologia**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco, 1969.

FREYRE, G. Apresentação. *In*: Romero, S. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro, José Olympio. 7ª. Edição, 1980.

FREYRE, G. **Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. Interpretes do Brasil. São Paulo/Rio de Janeiro. Record. Vol. 2, 2000.

FREYRE, G. Ordem e Progresso: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil. *In*: SANTIAGO, S. (Org.) **Intérpretes do Brasil**. vol. 3. São Paulo/Rio de Janeiro, Ed. Record, 2000b.

FREYRE, G. Sobrados e Mocambos: decadência do patriarcado rural e o desenvolvimento do urbano. *In*: SANTIAGO, S. (Org.) **Intérpretes do Brasil**. vol. 2. São Paulo/Rio de Janeiro, Ed. Record, 2000a.

SÍLVIO ROMERO, FELTE BEZERRA E O DEBATE SOBRE A MISCIGENAÇÃO NO CONTEXTO DA RECEPÇÃO DA SOCIOLOGIA NO BRASIL

IANNI, O. Tendências do pensamento brasileiro. *Tempo Social*, 12(2), 55-74, 2000.

LEÃO, A. *Panorama Sociologique du Brésil*. Paris, Presses Universitaires de France, 1953.

MACHADO NETO, A. L. *Estrutura Social da República das Letras: sociologia da vida intelectual brasileira – 1870-1930*. São Paulo; Editora da Universidade de São Paulo, Editorial Grijalbo, 1969.

NOGUEIRA, O. A propósito de *Etnias Sergipanas*, de Felte Bezerra. *Revista Sociologia*, XII (4) p. 323-328, 1950.

NOGUEIRA, O. A Sociologia no Brasil. *In*: FERRI, G. M.; MOTOYAMA, S. (Orgs.). *História das Ciências no Brasil*. vol. 3, São Paulo, EDUSP/EPU-CNPq, 1978.

PIERSON, D. *O Homem no Vale do São Francisco*. 3 Tomos. Ministério do Interior, SUVALE, Rio de Janeiro, 1972.

RIO, J. do. *O momento literário*. Rio de Janeiro/Paris, Garnier, 1908.

ROMERO, S. A Literatura Brasileira e a Crítica Moderna. *In*: ROMERO, S. *Literatura, história e crítica*. Rio de Janeiro, Imago. Aracaju, UFS, 2002.

ROMERO, S. *Compêndio de História da Literatura Brasileira [1906]*. Rio de Janeiro, Imago. Aracaju, Editora da Universidade Federal de Sergipe, 2001.

ROMERO, S. *Ensaio de Filosofia do Direito*. São Paulo; Landy Editora: 2001b.

ROMERO, S. *História da Literatura Brasileira [1888]*. Rio de Janeiro, José Olympio. 7ª. Edição, 1980.

ROMERO, S. Introdução à História da Literatura Brasileira [1882]. *In*: ROMERO, S. *Literatura, História e Crítica*. Rio de Janeiro, Imago. Aracaju, Editora da Universidade Federal de Sergipe, 2002a.

SÍLVIO ROMERO, FELTE BEZERRA E O DEBATE SOBRE A MISCIGENAÇÃO NO
CONTEXTO DA RECEPÇÃO DA SOCIOLOGIA NO BRASIL

SCHNEIDER, A. L. **Sílvio Romero, hermeneuta do Brasil**. São Paulo, Annablume, 2005.

SOUTO MAIOR, H. P. Para uma história da Sociologia em Pernambuco: uma tentativa de periodização. **Estudos de Sociologia**. v.9, n. 1, Jan/ jun. Recife; UFPE/Líber Gráfica, 2003.